

UMA ANÁLISE UNIFICADA DAS CONSTRUÇÕES ERGATIVAS DO MĒBENGOKRE¹

Andrés Pablo Salanova

Universidade de Ottawa

1 Introdução

O objetivo deste trabalho é proporcionar uma análise das construções ergativas do Mẽbengokre, língua Jê falada pelas nações Xikrin e Kayapó, nos estados do Pará e Mato Grosso, Brasil. A análise que propomos lança mão do caráter nominal dos predicados utilizados nas construções ergativas, e de fatos independentes sobre a interpretação de orações nominais na língua.

Em Mẽbengokre, existem orações que exibem um alinhamento acusativo, e outras que exibem alinhamento ergativo. O contraste entre ambos tipos de orações pode ser visto nos exemplos seguintes. Em orações encaixadas, encontra-se apenas o tipo com alinhamento ergativo, (1a, b). Em orações matrizes, o contraste entre ambos tipos de construções reflete uma diferença aspectual, que desconsideraremos aqui:^{2, 3}

(1)	a. i-rw <small>γ</small> k	a'. ba	ruw
	1ABS-descer.N	1NOM	descer.V
	“eu desço”		“eu vou descer”
	b. i <small>γ</small> e bur	b'. ba	ku-bu <small>γ</small>
	1ERG 3.pegar.N	1NOM	3AC-pegar.V
	“eu peguei”		“eu vou pegar”

A análise que propomos aqui consiste essencialmente em caracterizar as formas que encabeçam as construções ergativas como sendo nominais, enquanto que as demais construções são plenamente verbais.

Antes de prosseguir à análise destas construções, retomamos alguns pontos descritivos sobre o Mẽbengokre abordados em Reis Silva and Salanova (2000) e Reis Silva (2001), em particular no que diz respeito às classes de palavras, já que disto depende a análise das duas formas verbais como sendo de classes diferentes.

2 Os predicados em Mẽbengokre

Praticamente todos os itens lexicais de classes abertas podem aparecer como predicados principais em uma oração do Mẽbengokre. Damos alguns exemplos a seguir, todos criados a partir de itens lexicais não derivados, cobrindo aproximadamente todo o espectro semântico dos predicados principais:

(2)	ba ku-dʒi	(6)	i-kra
	1NOM 3AC-colocar.v		1-filho
	‘Ponho-o (vertical).’		‘Tenho filho.’
(3)	ba ɔ̄juw	(7)	i-m̄l̄ aj
	1NOM 3.flechar.v		1-DAT 3.saboroso
	‘Dou uma flechada nele.’		‘Gosto disto.’
(4)	ba boj	(8)	i-jiõ kΛ
	1NOM chegar.v		1-POSS canoa
	‘Chego.’		‘Tenho canoa.’
(5)	i-ŋruuk	(9)	i-be t̄ep
	1-zangado		1-LOC peixe
	‘Estou zangado.’		‘Sou peixe.’

Classificaremos os predicados principalmente com base na forma em que são marcados os seus argumentos. Nos exemplos dados acima, é possível identificar os tipos seguintes:

- I. Predicados que requerem um sujeito nominativo e um objeto acusativo: (2).
- II. Predicados que requerem um sujeito nominativo e um objeto absolutivo: (3).
- III. Predicados que requerem um sujeito nominativo: (4).
- IV. Predicados que requerem um sujeito absolutivo: (5) e (6).
- V. Predicados que requerem um sujeito oblíquo (dativo, locativo ou possessivo), e em alguns casos também um objeto absolutivo: (7), (8) e (9).

É possível que tenhamos que fazer distinções com base em outros critérios; por exemplo, distinguir entre (5) e (6), ou (7) e (8), com base na sua semântica ou outras propriedades formais.⁴ Por enquanto, no entanto, não consideramos que tais distinções sejam necessárias.

O primeiro ponto importante a notar é que os predicados dos tipos I, II e III podem assumir duas formas, e que a oposição entre as formas está correlacionada

ao contraste na marcação dos argumentos ao que aludimos acima. Isto é o que observamos nos exemplos dados em (1), e pode ser resumido da maneira seguinte:

	Tipo I	Tipo II	Tipo III	Tipo IV	Tipo V
uma forma (A)	ERG-ABS	ERG-ABS	ABS	ABS	OBL-(ABS)
outra forma (B)	NOM-ACC	NOM-ABS	NOM	—	—

Se estivermos à procura de estabelecer quais as classes de palavras encontradas em Mẽbengokre, temos no fato de assumirem duas formas morfológicamente distintas, correlacionadas com dois alinhamentos sintáticos, o principal critério para estabelecer duas classes: uma, que chamaremos a dos *verbos* (predicados dos tipos I, II e III), e outra, que chamaremos a dos *substantivos* (os demais). A oposição entre estas duas classes é reforçada por uma série de outros critérios morfológicos: (a) muitos verbos manifestam a categoria de número, geralmente por supleção do tema; (b) os verbos recebem prefixos de mudança de valência (anticausativo, anti-passivo); (c) praticamente todos os verbos de Tipo II consistem de uma raiz mais um prefixo (“classificador” ou “aplicativo”). Nenhum destes outros critérios será essencial para o que segue.

2.1 Os verbos

Deve ser notado que a marcação dos dependentes nos verbos se assimila à encontrada nos substantivos quando os primeiros assumem a Forma A. Isto é óbvio no caso dos verbos intransitivos (predicados do Tipo III), que, de forma idêntica aos predicados de Tipo IV, marcam o seu único argumento no caso absolutivo ao aparecerem na Forma A. No caso dos verbos transitivos (predicados dos Tipos I e II), o paralelo requer que chamemos a atenção ao fato de que o caso ergativo tem características que o aproximam de outros casos oblíquos, tais como o dativo de (7) ou o locativo de (9). Voltamos a isto abaixo.

É principalmente por este motivo que chamaremos a primeira das formas assumidas pelos predicados verbais de *forma nominal*, algo que representamos pela glosa N. Esta se opõe à *forma verbal* dos verbos, glosada por V. Esta decisão coincide com algumas análises de línguas relacionadas (cf., v.g., dos Santos 1999), mas não é consensual nos estudos sobre a família Jê (cf. de Oliveira 2003).

Os verbos, portanto, têm uma forma plenamente verbal e uma forma nominal. Em trabalhos anteriores chamamos a forma nominal de forma *não-finita*. Esta designação tem a vantagem de realçar o paralelo com as formas participiais encontradas em línguas melhor descritas, semelhantes às formas nominais do Mẽbengokre tanto nas suas propriedades formais quanto no seu significado, mas é redundante em Mẽbengokre: assim como não há circunstâncias que justifiquem opor de forma ge-

ral os substantivos a uma terceira classe (i.e., dos adjetivos), não há em Mẽbengokre uma distinção entre formas não-finitas (i.e., adjetivais) dos verbos e formas nominalizadas.

Considerar uma das formas do verbo como sendo nominal, no entanto, levanta um problema. Como é que uma forma nominal pode constituir o núcleo de uma oração principal? A possibilidade de que isto ocorra é dada pelo simples fato, mencionado acima, de que outros substantivos, não derivados de verbos, também podem se constituir em núcleos de orações principais. Porém, será necessário descrever exatamente como isto acontece, e qual é a interpretação que resulta.

Um outro problema criado por esta escolha terminológica é a ambigüidade que ela introduz no sentido da palavra *verbo*. Numa acepção, *verbo* é a classe de palavras que têm formas verbais e nominais. Em outra acepção, *verbo* é apenas a forma verbal (ou finita) de um verbo. Quando houver possibilidade de confusão, usaremos a expressão *verbo finito* para nos referirmos à forma verbal. Não deve entenderse nisto qualquer mudança de postura respeito da análise das formas verbais.

2.2 Os substantivos

A função arquetípica dos substantivos é a de serem núcleos de expressões referenciais, isto é, de sintagmas nominais. Em Mẽbengokre, de fato, apenas os substantivos, sejam eles básicos ou derivados de verbos, podem ocupar esta função. Não há expressões referenciais que contenham verbos finitos.

Morfologicamente, há dois tipos de substantivo em Mẽbengokre: aqueles que são inherentemente relacionais, e aqueles que não. Os substantivos inherentemente relacionais requerem sempre a expressão de um argumento. Este argumento vem marcado no caso absolutivo (poderíamos, por que não, também chamar este caso de genitivo, se quisermos realçar o aspecto nominal da construção, mas em todo caso trata-se de uma única categoria de caso), e em geral é o possuidor numa relação de posse inalienável, o todo do qual faz parte a noção expressada pelo núcleo, etc. Nos substantivos deverbais, este argumento é o equivalente do argumento único dos verbos intransitivos, ou do objeto dos verbos transitivos, como nos exemplos (10c,d):

- | | | |
|------|-----------------------------------|--|
| (10) | a. i-pa
1-braço
‘meu braço’ | b. i-prō
1-esposa
‘minha esposa’ |
| | c. i-têm
1-ir.N
‘minha ida’ | d. i-pumūj
1-ver.N
‘me verem’ |

Os substantivos que não são inherentemente relacionais podem aparecer em sintagmas nominais sem ser acompanhados por qualquer argumento. Porém, como veremos mais adiante, um argumento oblíquo pode estar presente, e é obrigatório sempre que estes substantivos aparecem encabeçando orações principais.

3 As formas nominais

Nesta seção ocupamo-nos das formas nominais dos verbos. Referimo-nos primeiro aos usos em que estes aparecem dentro de expressões referenciais, isto é, em sintagmas nominais. Há pelo menos três tipos de expressões nominais derivadas de verbos: (a) as nominalizações léxicas, (b) as orações relativas de núcleo interno, e (c) as nominalizações de evento. Mais adiante sugeriremos que as três compartilham uma mesma estrutura básica.

O que chamamos de *nominalizações léxicas* são itens lexicais formados a partir de verbos que geralmente se referem a instrumentos ou agentes relacionados à atividade descrita pela raiz. A maioria dos neologismos em Mẽbengokre tomam esta forma. Expressões deste tipo geralmente adquirem sentidos convencionais mais específicos, mas a sua composição semântica é em quase todos os casos perfeitamente transparente. Os enclíticos $=dʒʌ$ e $=dʒwʌj$ são usados para nominalizações de lugar, tempo, ou instrumento, e de agente, respectivamente. As nominalizações de tema em geral não levam sufixo algum.

- (11) a. karer= $dʒʌ$ ‘enxada’
capinar.N= $dʒʌ$
- b. kator= $dʒʌ$ ‘lugar de nascimento’
sair.N= $dʒʌ$
- c. têm= $dʒʌ$ ‘data de partida’
ir.N= $dʒʌ$
- d. pi?ok jakre= $dʒwʌj$ ‘professor’
escrita indicar.N= $dʒwʌj$
- e. mẽ beje ‘prisioneiros’
PL prender.N
- f. u-jarẽj ‘relato’
ANTIPASS-dizer.N

Consideramos que $dʒʌ$ e $dʒwʌj$ não devem ser tratados como morfemas derivacionais, senão como versões semanticamente esvaziadas dos substantivos “recipiente” e “dono”, respectivamente. Em primeiro lugar, eles se juntam a uma base que

já é nominal, e portanto não devem ser considerados sufixos nominalizadores. Em segundo lugar, a relação estrutural e semântica (e mesmo prosódica) entre, v.g., *tēm* e *dʒʌl* em (11c) é idêntica à que há entre os dois substantivos em (12), e portanto não há motivo além dos nossos preconceitos analíticos para supor que (11c) é uma construção radicalmente diferente de (12).⁵

- (12) kēn krē
pedra buraco
'buraco na/da pedra, caverna'

Passamos agora a estruturas ligeiramente mais complicadas, mas que ainda empregam formas nominais dos verbos. Em termos de significado, é possível identificar dois tipos. Chamaremos o primeiro de oração relativa de núcleo interno, e o segundo de nominalização de evento. Nos exemplos seguintes, a estrutura em questão é aquilo que aparece entre colchetes:

- (13) a. [kubē kute ʌktire krōr] nē jā
bárbaro 3ERG Gavião amansar.N NFUT este
'Este é o homem branco que fez paz com os Gavião.'
b. i-m̩ [aje amū=jā=ʔ̩ kubēkʌ jadʒʌr]=jā ɻ̩
1-DAT 2ERG ontem roupa por.PL.N=DET dar.V
'Me dê as roupas que você tinha ontem.'
- (14) a. ba [kute tēp krēn] pumū
1NOM 3ERG peixe comer.N ver.V
'Vi ele comendo peixe.'
b. ba [kute tēp krēn] m̩y̩y̩ri kum i-kabēn
1NOM 3ERG peixe comer.N sobre 3DAT 1-falar
'Falei com ele enquanto ele comia o peixe.'

Como pode ser observado, o sentido das orações encaixadas em (13) é o de um dos participantes da ação descrita pelo verbo. O participante pode ser tanto o sujeito, como em (13a), como o objeto, (13b). De fato, nestas construções existe sempre o potencial de ambigüidade, já que não há qualquer marcação que indique qual é o substantivo que encabeça a construção como um todo. Portanto (13a) pode também ser interpretada como "este é o Gavião com o qual fizeram a paz os brancos", e (13b) poderia ter uma interpretação de relativa de sujeito se este fosse um sintagma nominal indefinido, e não o pronome de segunda pessoa.

Ao contrário do que ocorre em (13), as nominalizações em (14) se referem ao evento em si. Isto é, deve entenderse (14a) como "vi o evento dele comer peixe", e

assim por diante. O sentido eventivo é mais evidente quando estas nominalizações são complementos de verbos de percepção, mas, como veremos abaixo, a nominalização eventiva encaixada é o coração de várias outras construções.

Neste trabalho, consideramos que estes dois tipos de construção nominal compartilham uma mesma estrutura. As características em comum serão enumeradas a seguir. Sobre as nominalizações léxicas, mantemos que são simplesmente versões reduzidas da estrutura básica descrita aqui. Como as nominalizações léxicas não são relevantes para o desenvolvimento do argumento apresentado neste trabalho, não nos ocuparemos aqui de descrevê-las em detalhe.

4 Estrutura e sentido das nominalizações

Há uma série de características comuns às nominalizações de evento e às orações relativas de núcleo interno (que chamaremos daqui em diante de *nominalizações de participante*): (a) como consequência de serem encabeçadas por uma forma nominal, elas exibem alinhamento ergativo; (b) elas têm características passivas, visíveis tanto na opcionalidade do sujeito de verbos transitivos quanto nas possibilidades de afixação do prefixo anticausativo; (c) elas carecem de certas posições que existem na periferia esquerda de orações principais (particularmente aquelas que são encabeçadas por verbos finitos). Exemplificaremos estes pontos a seguir.

Que o alinhamento é ergativo pode ser visto nos dois sintagmas nominais seguintes, dos quais o primeiro está formado a partir de um verbo intransitivo, e o segundo a partir de um transitivo:

- (15) a. bΛ kam i-mōr kuni
mato em 1-ir.PL.N todo
'todas as minhas saídas pra caçar'
- b. kute mē i-krōr jā
3ERG PL 1-amansar.N este
'este que fez a paz conosco'

Os diferentes casos estão relacionados a posições diferentes na frase. O sintagma nominal absolutivo aparece sempre imediatamente ao lado do núcleo, e no caso dos pronomes, se integra morfologicamente a este.

Como nos nomes relativais, o argumento absolutivo é obrigatório. Este fato será importante para a análise das orações progressivas. O sujeito ergativo, no entanto, é opcional; se ele é omitido, subentende-se um sujeito genérico (como no caso de orações passivas em línguas mais conhecidas). Isto contrasta com o comportamento do sujeito (nominativo) de verbos transitivos finitos, que é anafórico a

uma entidade tópica quando ele não é expresso. Isto pode ser visto claramente no contraste entre (16) e (17):

- (16) a. ba hadʒu kate
1NOM rádio quebrar.V
'Quebrei o rádio.'
b. hadʒu aj-kate
rádio ANTICAUS-quebrar.V
'O rádio quebrou.'
c. hadʒu kate
rádio quebrar.V
'Ele quebrou o rádio' (não: 'o rádio foi quebrado')
- (17) a. ije hadʒu ka?ek
1ERG rádio quebrar.N
'Tenho quebrado o rádio.'
b. hadʒu ka?ek/bi-ka?ek
rádio quebrar.N/ANTICAUS-quebrar.N
'O rádio está/foi quebrado.'

Note-se, em particular, que o sujeito ergativo pode ser omitido mesmo quando o prefixo anticausativo não está presente, (17b). Desconhecemos a distinção semântica entre *ka?ek* e *bika?ek* nesta frase. É a isto que nos referimos ao falarmos das propriedades passivas das formas nominais dos verbos.

Este ponto serve também para retomar a idéia, mencionada acima, de que o ergativo se assemelha a um caso oblíquo. Além de sua opcionalidade, devemos notar que sua composição morfológica é bastante transparente: consiste de um pronome acusativo subordinado ao elemento *je* (que tem o alomorfe *te* na terceira pessoa). *je* é utilizado como posposição em construções como a seguinte:

- (18) bri puma=je muw
sapo medo=por chorar.V
'Ele chorou porque tinha medo do sapo.'

A última asseveração que queremos fazer sobre as construções ergativas sob consideração (isto é, as orações relativas e eventivas) é que elas não comportam certas partículas aspectuais, e carecem de certas posições periféricas:

- (19) kukruut nẽ ba arv̥m ku-bi
anta (FOC) NFUT 1NOM já 3ACC-matar.SG.V
'Matei *anta*'

- (20) (*kukruut) (*nẽ) (*i̯e) ar̯m i̯e kukruut b̯i̯n
 anta (FOC) NFUT 1ERG já 1ERG anta matar.SG.N
 ‘Tenho matado anta.’

A oração em (19), com verbo finito, expressa o tempo mediante a partícula *nẽ*, e tem uma posição disponível para sintagmas focalizados (*kukruut*). Nenhum destes dois recursos está disponível na nominalização em (20). Além disto, podemos observar que a posição do sujeito ergativo da oração encaixada difere ligeiramente da posição do sujeito nominativo da oração principal. Enquanto que este último aparece diante da partícula aspectual *ar̯m*, o sujeito ergativo aparece depois, na posição em que costumam aparecer os adjuntos (temporais, locativos, etc.) do sintagma verbal. Disto pretendemos tirar a conclusão geral de que a construção ergativa, empregada em orações encaixadas (i.e., nominalizadas), tem uma estrutura menor do que a oração principal equivalente.

Dissemos acima que as nominalizações em questão podiam se referir a participantes ou a eventos. É o momento se ser um pouco mais precisos quanto ao segundo. Tomemos o exemplo seguinte:

- (21) ba ʌk kʌr ma
 1NOM ave cantar.N ouvir
 ‘Ouço a ave cantar.’

Neste caso, a nominalização claramente se refere a um evento (“o [desenrolar do] cantar da ave”). A oração não é considerada verídica se o evento não foi percebido (neste caso, ouvido) diretamente. Supomos que esta interpretação eventiva da nominalização é também a que ela tem em casos como o seguinte:

- (22) a-dʒu-jarẽj mej
 2-ANTIPASS-dizer.N bom
 ‘Você falou bem.’ (lit.: ‘seu falar foi bom’)

O ponto importante é que as nominalizações não podem denotar proposições completas.⁶ A oração acima não pode ser usada pra traduzir algo como “foi bom que você tenha falado”. Para esse tipo de sentido, em que o que é encaixado é uma proposição (“o fato de você ter falado”) e não o evento, o Mẽbengokre não usa encaixamento, senão construções coordenadas ou paratáticas, como a seguinte:

- (23) ga a-jarẽ, kam mej kumrẽ
 1NOM ANTIPASS-dizer.V então bom verdadeiro
 ‘Você falou, e (esse fato) foi bom mesmo.’

Note-se que a forma verbal utilizada na oração semanticamente encaixada é finita. Com estes exemplos pretendemos estabelecer o seguinte fato, que será utilizado na nossa argumentação abaixo: as formas nominais dos verbos nunca denotam proposições; elas se referem aos eventos no seu desenrolar, ou aos participantes nos eventos. Supõe-se que como as orações têm que ser proposições, as nominalizações são, como orações, incompletas. Por isto elas normalmente só aparecem encaixadas. Como os demais substantivos, elas aparecem em lugares onde se requerem expressões referenciais, e não expressões proposicionais. A seguir, detalhamos como essas expressões referenciais são usadas, começando pelos casos mais transparentes, até chegar à situação inesperada, mencionada no início do trabalho, em que uma nominalização parece ser usada como oração matriz.

5 Extensões

Na seção acima sugerimos que dois tipos de nominalizações compartilham essencialmente uma mesma estrutura, e sentidos muito próximos. Nesta seção argumentaremos que todas as construções nas que são utilizadas as formas nominais do verbo, mesmo aquelas que constituem por si sós orações independentes, são extensões da construção encaixada descrita acima. Mais precisamente, queremos dizer que sempre que vejamos um verbo em sua forma nominal, teremos uma construção como (13) ou (14), com sentido eventivo ou de participante, encaixada sob outro predicado.

Temos que considerar os seguintes tipos de construção independente:

- (24) ijε tεp krẽn ket
1ERG peixe comer.N NEG
'Não tenho comido peixe.'
- (25) ba tεp krẽn ɔ=juñ
1NOM peixe comer.N com=sentar.V
'Estou comendo peixe.'
- (26) ijε tεp kur
1ERG peixe comer.PL.N
'Como peixe.'

O exemplo (24) representa qualquer oração principal negativa em Mẽbengokre; (25) representa as construções progressivas; (26) as orações genéricas. Todos estes tipos de orações envolvem uma forma nominal do verbo. Se temos razão, todas estas construções devem ser analizadas como contendo uma nominalização eventiva

subordinada a outro predicado. O propósito desta seção é defender tal análise, caso por caso. Para argumentos mais detalhados, remetemos o leitor a Reis Silva (2001).

5.1 As orações negativas

A partícula negativa *ket* tem certas propriedades interessantes. Observem-se as seguintes frases:

- (27) a. *tep ket*
 peixe NEG
 ‘Não tem peixe/pesca.’
- b. *mẽ õ kuwui ket=ri*
 PL 3.POSS fogo NEG=em
 ‘(Esta história é) quando as pessoas não tinham fogo.’
- c. *i-ket=kam*
 1-NEG=em
 ‘Quando eu não existia.’

Em todas estas frases, a expressão negada é nominal. Se partimos do pressuposto de que *tep* quer dizer “peixe” e não “ter/haver peixe” (um pressuposto que, obviamente, pode ser questionado), então é possível argumentar que a negação em (27a) contém o sentido de “não ter/haver”. O mesmo raciocínio pode ser aplicado a (27b), onde *mẽ õ kuwui* por si só significa “o fogo das pessoas” (ou “deles”).

Mais curioso ainda é (27c), onde presumivelmente *i-ket* significa “eu não existir” (não há qualquer indicação de tempo nestas frases). Morfologicamente, *ket* parece idêntico a predicados de Tipo IV tais como *qruuk*, exemplificado em (5) acima. Estes são predicados de um lugar cujo único argumento recebe o caso absolutivo.

A hipótese nula nesta situação é que os três casos exemplificados em (27) tem uma mesma estrutura. Se *ket* de fato é um predicado de Tipo IV, em todos os casos vistos acima ele teria o sentido de “não existe”, aplicado ao seu único argumento, que é um sintagma nominal. De fato, acreditamos que ele tem este mesmo sentido também quando o argumento é uma construção encabeçada pela forma nominal de um verbo.

- (28) a. *ijε pi?ok buir ket*
 1.ERG papel pegar.N NEG
 ‘Não peguei o papel.’
- b. *bΛ=kam i-mõr ket*
 mato=em 1-ir.PL.N NEG
 ‘Não vou pro mato.’

A idéia nestes casos é que, ao negar uma oração em Mẽbengokre, o que é dito literalmente é “não existem eventos de certo tipo”.⁷ *ket*, como nos outros casos, significa “não existe”; as nominalizações, como vimos acima, são descrições de eventos (e não orações semanticamente completas). O que importa é que a nominalização como um todo serve de argumento a *ket*, que é portanto o predicado principal. Isto é o que a morfosintaxe desta construção reflete.

5.2 As orações progressivas

As orações progressivas do Mẽbengokre foram descritas inicialmente por Reis Silva (1996). A análise que apresentamos aqui é essencialmente a mesma.

A construção progressiva do Mẽbengokre é parcialmente ergativa e parcialmente acusativa.

- (29) a. ba t̪ep kr̪en ɔ=j̪ū
 1NOM peixe comer.SG.N com=sentar.SG.V
 ‘Estou comendo peixe.’
- b. ba i-t̪or ɔ=dʒa
 1NOM 1-dançar.N com=estar.em.pé.SG.V
 ‘Estou dançando.’

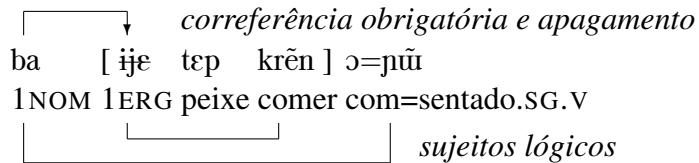
O alinhamento cíndido desta construção (i.e., concordância absolutiva e pronomes livres nominativos) contrasta superficialmente com a ergatividade pura e simples e a acusatividade pura e simples encontrada em construções com outros valores aspectuais:

- (30) a. ba t̪o
 1NOM dançar.V
 ‘Vou dançar.’
- b. i-t̪or
 1-dançar.N
 ‘Sei dançar.’

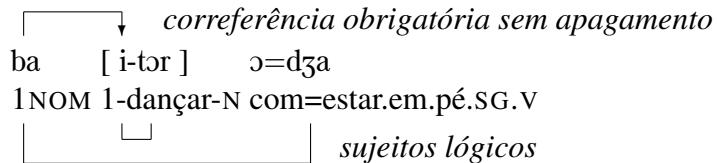
A morfossintaxe desta construção sugere que o “auxiliar”, o verbo estativo que denota a posição (sentado, em pé) em que se desenrola a ação, deveria ser considerado o verbo principal. Certamente, o sujeito (nominativo), neste caso, é o seu sujeito lógico. Isto é óbvio porque o verbo estativo se refere à posição em que o sujeito (e não qualquer outro participante) realiza a ação. Igualmente, o auxiliar concordará em número com o seu único argumento, que é o sujeito nominativo. Finalmente, como nota Reis Silva (2006), o sujeito nominativo desaparece se o verbo estativo aparece na sua forma nominal.

O sujeito nominativo é o sujeito do verbo estativo, mas ele controla a referência do sujeito ergativo omitido da oração encaixada. Sujeitos absolutivos não são omitidos, mas isto, como vimos, é um fato morfológico independente que diz respeito ao argumento absolutivo de todos os nomes relacionais. Resumindo, temos o seguinte:

- (31) a. O apagamento do ergativo é possível dado que ele é um oblíquo



- b. O apagamento do absolutivo não, dado que ele é um prefixo do verbo



5.3 Excurso sobre as propriedades do sujeito

Dissemos que em termos de composição, o predicado principal nas construções que consideramos é sempre o último elemento da oração. Este elemento é semelhante a qualquer predicado léxico, em particular aos predicados de Tipo III e IV, já que toma como (único) argumento sempre um sintagma nominal, e nunca uma oração finita. A consequência disto é que, a primeira vista, a estrutura de uma série de construções em Mẽbengokre difere radicalmente de estruturas semelhantes em outras línguas. A negação, por exemplo, nas línguas mais conhecidas tem a aparência de um modificador do predicado; em Mẽbengokre, ao contrário, parece funcionar como o predicado principal. Em uma sentença negativa como *João não comeu* em português, o sujeito é *João*, como na oração afirmativa equivalente; porém, pelo que dissemos sobre o Mẽbengokre, o sujeito da oração negativa seria *o evento de João comer*.

Esta estranheza do Mẽbengokre, porém, é apenas aparente. Em Reis Silva and Salanova (2000) chamamos a atenção a orações como as seguintes:

- (32) a. ba_i ijé_i buir (ket)
 1NOM 1ERG 3.pegar.N NEG
 'Eu (não) o pego.'

- b. $ba_i \ i_i\text{-m}̄ \ k̄j̄ \ (ket)$
1NOM 1-DAT 3.gostar NEG
'Eu (não) gosto.'
- c. $ba_i \ i_i\text{-j}̄öt \ (ket)$
1NOM 1-dormir.N NEG
'Eu (não) durmo.'

Em todas as orações apresentadas aqui, há um pronome nominativo que duplica um dos argumentos dentro da oração nominalizada. O argumento que é duplicado é sempre o “mais alto” numa hierarquia de papéis temáticos. Coindexar o pronome nominativo com o objeto direto da oração nominalizada em (32a), por exemplo, ou com um dativo que não o experienciador, não é possível.⁸

O pronome nominativo está presente de forma opcional em construções como estas, e de modo geral em quaisquer orações matrizes cujo sujeito se expressa normalmente mediante um pronome oblíquo ou absolutivo/genitivo. Poderíamos identificar o sujeito gramatical das orações matrizes em Mẽbengokre como aquele sintagma nominal que pode aparecer no caso nominativo, mesmo que opcionalmente, e duplicando um outro sintagma nominal em um caso oblíquo.⁹ Este sujeito gramatical tem uma série de propriedades que decorrem de sua posição “alta” na oração: ele controla a referência de reflexivos e recíprocos, e de sujeitos omitidos em orações adjuntas e coordenadas.

Como conciliar esta constatação com a análise que oferecemos na §5.1? Precisamos valer-nos de certa sutileza ao definir “sujeito”. Consideremos as seguintes orações do inglês. Todas elas querem dizer “É improvável que eles cheguem cedo.” O predicado lógico, no sentido aristotélico, é em todas elas *ser improvável*. O sujeito lógico deste predicado é a proposição *que eles cheguem cedo*.

- (33) a. For them to come early is unlikely.
para eles vir cedo é improvável
- b. It is unlikely for them to come early.
EXPL é improvável para eles vir cedo
- c. They are unlikely to come early.
eles são improvável vir cedo

As orações diferem, porém, em vários respeitos. Em (33b), o sujeito lógico é posposto, e seu lugar é tomado por um pronome sem referência. Mais inusual ainda é o caso de (33c). Nesta oração o sujeito lógico é o mesmo, mas o sujeito gramatical de *ser improvável* passa a ser um sintagma que é o sujeito lógico de outro predicado, *chegar cedo*. Podemos ver que *eles* é o sujeito gramatical pois (a) o verbo concorda com ele, e (b) ele aparece no caso nominativo.

O leitor já deve intuir o que vamos dizer a seguir. Todas as estruturas gramaticais em (33) instanciam uma mesma proposição, que consiste do mesmo sujeito e predicado lógico. Porém algumas delas, como (33a), o fazem de maneira transparente, enquanto que outras, como (33c) obscurecem as relações lógicas ao escolherem um sujeito gramatical que nada tem a ver com o sujeito lógico. Em Mẽbengokre, a morfossintaxe nas orações negativas reflete de maneira transparente e obrigatória as relações lógicas, assemelhando-se portanto a (33a), mas em um domínio mais externo o sujeito da oração encaixada aparece opcionalmente como sujeito gramatical da oração matriz. Seria um erro dizer que ele é sujeito lógico em qualquer sentido neste caso. Neste ponto, construções como (24) e (26) se diferenciam das construções progressivas vistas na §5.2, já que, como argumentamos, o sujeito gramatical é também o sujeito lógico do verbo posicional que atua como predicado principal.

O leitor poderia se rebelar contra a suposição de que a negação é um predicado de proposições, tendo em vista que, como já dissemos antes, a negação nas línguas mais conhecidas funciona sintaticamente como um modificador e não como um predicado, e, mesmo em Mẽbengokre, o efeito de negar uma proposição é obtido de forma indireta mediante a negação existencial de um evento. Por razões de espaço, não exploraremos esta questão aqui. Para efeitos deste trabalho, nossa posição é supor *a priori* que, em algum canto recôndito da mente, operações que alteram de forma não-intersectiva as condições de verdade de uma proposição, entre elas a negação, devem ser representadas como predicados de proposições. Propriedades paramétricas do item do léxico que representa estes predicados determinarão sua expressão sintática, v.g., quais as restrições de seleção que ele impõe sobre seu único argumento, se ele faz do sujeito da proposição negada o sujeito gramatical da oração completa, etc.

Nossa abordagem se inscreve portanto numa visão microparamétrica da variação lingüística, na qual as propriedades globais de uma oração surgem da interação das propriedades de palavras individuais. As observações sobre a mudança lingüística se integram naturalmente a esta abordagem como mudanças nas propriedades formais de itens individuais do léxico.

6 As construções existenciais

Recapitulemos sobre o que temos até agora. Estabelecemos que uma das formas dos verbos em Mẽbengokre tem caráter nominal, e que, entre outros sentidos, ele pode se referir a descrições de eventos. Estabelecemos que a maioria das construções que empregam esta forma podem ser analizadas como consistindo de uma nominalização subordinada a outro predicado. Porém, o exemplo (26) ilustra um uso da forma nominal em que ela parece ser simplesmente uma forma do verbo com

um sentido aspectual específico, digamos estativo.

Poderíamos fazer como Jackson (2005), e tentar uma análise em que esta forma do verbo contém em si mesma uma semântica estativa. No entanto há motivos para seguir outro caminho. Em primeiro lugar, as nominalizações não são necessariamente estativas quando elas se encontram encaixadas; isto é, a oração encaixada em, v.g., (21) não tem o sentido genérico encontrado em (26). Em segundo lugar, vimos que as orações nominais são comuns em Mẽbengokre. Nesta seção, precisamente, repararemos nelas, e veremos que elas revelam algo interessante sobre o funcionamento das formas nominais dos verbos.

Qualquer sintagma nominal que encerra uma relação é passível de ser interpretado como uma oração completa. A ambiguidade entre uma leitura nominal e uma leitura *existencial* pode ser vista nos exemplos seguintes:¹⁰

- (34) a. t̄ep kam t̄saw
peixe em sal
i. ‘Tem sal no peixe.’
ii. ‘o sal que tem no peixe’
b. kubē j̄ō k̄a
bárbaro POSS canoa
i. ‘O homem branco tem canoa.’
ii. ‘a canoa do homem branco’

É curioso, porém, que a relação seja exigida, e que não seja permitido aos nomes predicar diretamente. De fato, mantemos que todas as orações nominais carecem de predicação direta, e têm em troca o sentido de construções existenciais. Isto é mais ou menos evidente em exemplos como os dados acima, e também em casos como os seguintes:

- (35) a. i-kra
1-filho
‘Tenho filho.’
b. ij-ã lar̄iʒit̄i
1-sobre laringite
‘Tenho laringite.’

Propomos que a interpretação existencial dá conta também de casos não tão evidentes, como os seguintes:

- (36) i-be a-j̄ō bikwa
1-em 2-POSS parente
‘Sou seu amigo.’

- (37) a. i-m̄l̄ pr̄m
 1-DAT fome
 ‘Tenho fome.’
- b. i-ŋruuk
 1-raiva
 ‘Tenho raiva.’

O caso em (36) pode ser parafraseado literalmente como “em mim você tem um amigo”, em quanto que as traduções portuguesas dos exemplos em (37) refletem adequadamente a estrutura que propomos para elas em M̄bengokre.

Em resumo, propomos que, enquanto que os verbos predicam diretamente dos seus sujeitos, nas orações nominais a predicação se dá de maneira indireta, através de uma construção existencial:

- (38) $\exists\alpha P(\alpha) \wedge R(\alpha, \beta)$

Isto é, “existem indivíduos α que satisfazem à descrição P (o predicado nominal) e que guardam uma relação R com β (outro indivíduo ou lugar).” A relação R pode ser uma relação de posse, de localização, etc. No exemplo (34b), R é a relação de posse, β é “o homem branco” e P é o predicado “(é uma) canoa”.¹¹

Começamos esta seção prometendo uma análise de construções como (26). O que vamos propor deveria ser, a estas alturas, relativamente óbvio. Primeiro, notamos que a ambiguidade observada nos dois exemplos em (34) ocorre também com as formas nominais dos verbos:

- (39) kute ar̄ep
 3ERG dizer.N.SG
- i. ‘Ele tem dito/disse.’
- ii. ‘(o evento) dele dizer’ (ou ‘o que ele disse’)

A hipótese nula neste caso explicaria a ambiguidade pelo mesmo mecanismo que utilizamos para explicar a ambiguidade de (34a) e (34b). Isto é, propomos que na leitura proposicional temos uma construção existencial $\exists\alpha P(\alpha) \wedge R(\alpha, \beta)$. A única diferença é que, enquanto que em (34) a variável α designa entidades mais ou menos concretas, no caso de (39) a variável α se refere a eventos. Para uma discussão de como esta construção existencial é responsável pelo sentido aspectual das orações principais com formas nominais de verbos, ver Salanova (2007a).

7 Considerações finais

Neste trabalho, propomos derivar todas as construções ergativas do Mẽbengokre de nominalizações, e mostrar como esta análise é consistente com fatos independentes sobre a sintaxe da língua, tais como a interpretação de orações sem verbos. Antes de terminar, gostaríamos de abordar muito brevemente o tema da relação entre nominalizações e ergatividade.

Até agora o que temos feito não foi mais do que afirmar que todas as construções ergativas em Mẽbengokre têm na sua raiz uma oração subordinada de caráter nominal. Este ponto não é novo no que diz respeito às línguas amazônicas, e inclusive é possível encontrar na literatura a posição em que o fato de que haja nominalização explica ou descarta a ergatividade oracional. Esta posição é articulada com respeito às línguas Jê setentrionais por Ribeiro (2004), que descreve a ergatividade em Jê setentrional como sendo epifenomenal, por estar ligada à nominalização. Tal afirmação parte de duas premissas: (1) que a ergatividade nominal deve ser considerada um fenômeno diferente de outros tipos de ergatividade, e (2) que o motivo pelo qual as nominalizações são ergativas é conhecido, e não precisa ser explicado. Ambas premissas devem ser questionadas.

Vamos ao segundo ponto. A conexão entre nominalizações de ação e alinhamento ergativo foi identificada já há um certo tempo. No entanto, até onde sabemos, a explicação da relação entre nominalizações e ergatividade sempre introduz de maneira mais ou menos explícita uma operação equivalente à passivização, a qual não é em absoluto motivada. Este é o caso, por exemplo, na análise das construções ergativas do Inuktitut proposta por Johns (1992), e, de forma mais explícita, na abordagem proposta por Alexiadou (2001).

Não nos é possível neste trabalho expor de maneira completa nossas próprias idéias sobre o vínculo entre as nominalizações e a ergatividade. Para isto, referimos o leitor a Coon and Salanova (2008) e Salanova (2008). Porém, gostaríamos de apontar a alguns fatos que consideramos significativos.

Dissemos que as nominalizações em Mẽbengokre nunca tinham, por si sós, semântica de proposições, senão apenas de participantes ou de descrições de eventos. Acreditamos que isto está por trás do fato de que as formas nominais dos verbos (como também qualquer outro substantivo) sempre precisem de um predicado adicional, já seja, v.g., a negação, um verbo estativo, ou a cópula existencial, para ser interpretados como orações completas. Este fato, por sua vez, faz com que a predicação seja “cindida” nas orações nominais: por um lado está o predicado léxico (a forma nominal do verbo), mas toda a informação sobre tempo e aspecto não estará ligada diretamente a ele, como nos verbos finitos, senão a outro predicado, cujo conteúdo semântico é menos importante, mas que é sintaticamente o predicado principal da oração. Propomos que a responsabilidade pelo surgimento de um

padrão ergativo recai precisamente nesta situação de cisão entre o *núcleo tópico* da oração, isto é, as palavras de função que expressam, entre outras coisas, o ancoreamento temporal da proposição, e o predicado lexical principal. Sempre que isto aconteça, haverá ergatividade, já seja no domínio nominal ou no domínio oracional. Ao contrário, o alinhamento nominativo-acusativo ocorreria no caso especial em que a predicação léxica e o núcleo tópico da oração estão unidos num único domínio, isto é, aproximadamente, numa única palavra predicativa.

Um fato sugestivo, que gostaríamos de mencionar antes de encerrar, é que, enquanto nas construções nominativas do Mẽbengokre o verbo exibe flexão de pessoa que concorda (se bem que de forma defectiva) tanto com o sujeito como com o objeto, nas construções ergativas a flexão de pessoa só tem relação com o argumento absolutivo. Tomamos este fato como evidência de que no sistema ergativo há uma separação entre o domínio mais alto, que contém o sujeito, e o domínio mais baixo, que contém o verbo e o seu primeiro argumento. No sistema acusativo não há tal cisão, e a concordância é possível com ambos os argumentos.

Referências

- Alexiadou, Artemis. 2001. *Functional structure in nominals: nominalization and ergativity*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Alves, Flávia de Castro. 2004. O Timbira falado pelos Canela Apänjekrá. Tese de doutoramento, State University of Campinas, SP, Brasil.
- Coon, Jessica, and Andrés Pablo Salanova. 2008. Nominalization and predicate fronting: two sources of ergativity. Em *Proceedings of the 32nd Penn Linguistics Colloquium*. Presented at the 32nd Penn Linguistics Colloquium. To appear in proceedings.
- Ferreira, Marília. 2003. Estudo morfossintático da língua Parkatêjê. Tese de doutoramento, Universidade Estadual de Campinas.
- Freeze, Ray. 1992. Existentials and other locatives. *Language* 68:553–595.
- Jackson, Eric. 2005. Resultatives, derived statives, and lexical semantic structure. Tese de doutoramento, UCLA.
- Johns, Alana. 1992. Deriving ergativity. *Linguistic Inquiry* 27:57–87.
- de Oliveira, Christiane Cunha. 2003. Lexical categories and the status of descriptives in Apinajé. *International Journal of American Linguistics* 69:243–274.
- de Oliveira, Christiane Cunha. 2005. The language of the Apinajé people of Central Brazil. Tese de doutoramento, University of Oregon.
- Reis Silva, M. A. 1996. El aspecto en Mebengokre: consideraciones sobre una construcción progresiva. Em *Actas de las segundas Jornadas de Etnolinguística*. Rosario, Argentina.
- Reis Silva, Maria Amélia. 2001. Pronomes, ordem e ergatividade em Mẽbengokre. Tese de mestrado, State University of Campinas, SP, Brazil.
- Reis Silva, Maria Amélia. 2006. Aspect and split ergativity in Mẽbengokre. Talk delivered at NWLC 22, Simon Fraser University, February 2006.
- Reis Silva, Maria Amélia, and Andrés Pablo Salanova. 2000. Verbo y ergatividad escindida en Mẽbengokre. Em *Indigenous languages of lowland South America*, ed. Hein van der Voort and Simon van de Kerke. Leiden, Netherlands: Research School of Asian, African, and Amerindian Studies (CNWS), Leiden University.

- Ribeiro, Eduardo Rivail. 2004. Uma hipótese sobre a origem do padrão ergativo em algumas línguas Jê setentrionais. Ms., Universidade Federal de Goiânia.
- Salanova, Andrés Pablo. 2006. The sense of Mẽbengokre nominalizations. Em *Proceedings of the 11th Workshop on the Structure and Constituency in the Languages of the Americas*, ed. Atsushi Fujimori and Maria Amélia Reis Silva. Vancouver: UBC Working Papers in Linguistics.
- Salanova, Andrés Pablo. 2007a. The building blocks of aspectual interpretation. Em *Proceedings of Semantics of Under-represented languages of the Americas (SULA) IV*, ed. Amy Rose Deal, 215–229. Amherst, MA: GLSA.
- Salanova, Andrés Pablo. 2007b. Nominalizations and aspect. Tese de doutoramento, Massachusetts Institute of Technology.
- Salanova, Andrés Pablo. 2008. Nominalizations and ergativity. Em *Proceedings of the 13th Workshop on the Structure and Constituency of the Languages of the Americas (WSCLA)*.
- dos Santos, Ludoviko. 1999. Verbos de forma larga y de forma corta en Suyá. Em *IV Simposio Internacional de Comunicación Social*, 512–518. Centro de Lingüística Aplicada, Ministerio de Tecnología y Medio Ambiente, Santiago de Cuba: Editorial Oriente.
- Urban, Greg. 1985. Ergativity and accusativity in Shokleng (Gê). *International Journal of American Linguistics* 51:164–87.
- Zucchi, Alessandro. 1993. *The language of propositions and events*. Dordrecht: Kluwer.

Notas

¹Gostaria de agradecer aos meus professores de Mẽbengokre, Bep Kamrêk, Ikrô e †Nory, a Maria Amélia Reis Silva e aos participantes do encontro de Manaus, em particular a Flávia Alves, Spike Gildea, e Francesc Queixalòs, pela discussão que permitiu importantes melhorias ao texto que apresentei. Quaisquer divagações inúteis são responsabilidade exclusivamente minha.

²As traduções dadas aos exemplos não devem portanto ser tomadas literalmente. Para uma discussão da semântica desta oposição, referimos o leitor a Salanova (2007a, 2007b).

³As glosas utilizadas neste trabalho são as seguintes: 1, 12, 2, 3 – pronomes de primeira pessoa exclusiva, inclusiva, segunda e terceira pessoa, respectivamente; ERG, DAT, AC, NOM, POSS, LOC, OBL – casos (ou posposições) ergativo, dativo, acusativo, nominativo, possessivo, locativo e oblíquo; o absolutivo (ABS), que corresponde também ao genitivo, não é marcado; SG, PL – singular, plural; N, V – forma nominal e verbal; NEG – negação; ANTICAUS – anticausativo; ANTIPASS – antipassivo; DIM – diminutivo; DET – determinante; NFUT – não-futuro; FOC – sintagma focalizado. Componentes inseparáveis de uma palavra são indicados por . na glosa; as fronteiras entre morfemas são indicadas por - (afixos) e = (clíticos). Os símbolos utilizados na transcrição têm o seu valor fonético habitual.

⁴Igualmente, podemos especular sobre a importância da distinção entre os Tipos I e II. Este assunto foi tratado de maneiras diferentes por Reis Silva and Salanova (2000), de Oliveira (2005), e Ferreira (2003).

⁵Para uma breve discussão de como relacionamos ambas construções semanticamente, cf. Salanova (2006).

⁶Para uma discussão da ontologia destes tipos semânticos, remetemos o leitor a Zucchi (1993). Intuitivamente, distinguimos entre *proposições* e *eventos* pelo tipo de predicado que pode modificá-los, e pelo tipo de verbo que pode tomá-los como complemento. Por um lado, os *eventos* podem receber modificadores de modo (*bem*, *rápido*, *demorado*), e podem ser objetos de verbos de percepção (*ver*, *ouvir*); neste caso, o sentido é que o evento é presenciado diretamente, no seu desenrolar. As *proposições*, pelo contrário, podem ser complementos de um subconjunto dos verbos de estado cognitivo, i.e., aqueles que traduzem uma atitude do falante respeito de uma proposição (*acreditar*, *duvidar*, *saber*, *supor*), além de verbos que descrevem atos de fala (*afirmar*, *jurar*); eles podem ser modificados por predicados

tais como *ser improvável, estar na boca do povo*, etc. Em português, com freqüência é possível isolar estes sentidos em uma construção ambígua antepondo *o fato de...* ou *o evento de...* ao infinitivo.

⁷O leitor pode ter percebido que aqui traduzimos o sentido da oração encaixada por “eventos...”. Nada nos impede negar um evento específico, no entanto, e devemos notar que os sintagmas nominais sem determinante são sempre ambíguos entre leituras específicas e não específicas.

⁸Há uma segunda posição na periferia esquerda da frase, reservada aos constituintes focalizados, que não está sujeita a estas restrições. Cf. exemplos (16) e (17) em Reis Silva and Salanova (2000).

⁹Etimologicamente, os pronomes nominativos provavelmente têm sua origem em auxiliares que concordavam com o sujeito, tais como os que ainda existem em Xokleng (cf. Urban 1985). Se esta hipótese for correta, as estruturas “ergativas” do Mëbengokre seriam muito próximas a certas construções com participios em algumas línguas Românicas e Indo-Árias, nas quais o domínio interior (do participio) exibe traços ergativos, enquanto que o domínio exterior (do auxiliar) exibe traços acusativos. Para uma discussão deste ponto, cf. a conclusão de Salanova (2007b).

¹⁰Para a relação entre construções existenciais e construções possessivas, ver Freeze (1992) e as referências ali citadas.

¹¹O leitor atento lembrará que dissemos acima que a negação *ket* se assemelhava morfossintaticamente aos predicados nominais. É possível que para um punhado de casos como este tenhamos que admitir que predicados não verbais prediquem diretamente sobre seus únicos argumentos. Algumas posposições que encabeçam orações, e um punhado de palavras que traduzem adjetivos não-intersectivos, tais como *kumrēp* “verdadeiro”, *ka?ʌk* “falso”, etc., seriam os membros mais evidentes desta classe. Não temos nada a dizer sobre estes casos aqui.